

## O RELATO FABULÍSTICO NA GRÉCIA ANTIGA E EM ROMA

Glória Braga Onelley\*

Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha\*\*

### RESUMO:

*Pretende-se neste trabalho apresentar características essenciais da fábula, segundo considerações de Francisco Adrados, que, além de defini-la como um exemplo inserido em um relato mais amplo, discorre sobre as diferenças de forma e de conteúdo, conforme os diversos tipos de relatos fabulísticos, e, ainda, sobre o relevante papel que a fábula desempenhou na literatura popular e crítica. Realizam-se comentários sobre a origem e a evolução da fábula na Grécia antiga e sua repercussão em Roma. À guisa de exemplo, faz-se uma breve análise comparativa de duas fábulas de Esopo e de Fedro – portadoras da mesma diegese –, ressaltando-se as semelhanças e diferenças no tratamento de determinadas temáticas fabulísticas.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Esopo. Fábula. Fedro.*

Em relação aos demais gêneros literários, a fábula é, de modo geral, um gênero mais constante e tradicional. Apesar de variar de forma – expressa em hexâmetros dactílicos em Hesíodo, vazada em versos iâmbicos em Arquíloco, Semônides e Estesíocoro, em senário iâmbico em Fedro, ou em prosa – e ser suscetível de mudar de conteúdo, conforme as circunstâncias ideológicas ou sociais, o relato fabulístico, seja em prosa seja em verso, apresenta estruturas relativamente fixas e conservadoras.

A fábula relata, de modo sucinto, um acontecimento ocorrido entre protagonistas – geralmente animais que agem à maneira de homens –, cujos traços são tipificados. Contudo, há também fábulas em que tomam parte

\* Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Língua e Literatura Grega pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: gloriaonelley@terra.com.br.

\*\* Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Língua e Literatura Grega pela UFRJ. E-mail: shirleypecanha@yahoo.com.br.

vegetais, objetos, certos deuses (Zeus, Hermes, Afrodite, por exemplo) e, ainda, homens, delineados por suas profissões, modos de conduta, caráter etc, os quais costumam ser objeto de crítica e sátira. Quanto à tendência nos relatos fabulísticos, repousa ela na presença de personagens com comportamentos diferenciados, caracterizados pela oposição entre o forte e o fraco. Deve-se ressaltar, entretanto, que a fábula não constitui um gênero de oposição que visa à derrota dos que exercem o poder. Trata-se de um gênero literário que se contenta em criticá-lo, em demonstrar a falsidade do estabelecido, enfim, em expor uma imagem realista da vida, por meio de alegorias, símbolos, prosopopeias e até de certos mitos.

O relato fabulístico apresenta, de modo geral, uma relação de antinomia entre dois partidos, que se decide por meio da ação ou do debate. Além disso, um dos partidos pode conter mais de um representante, sendo admissível, ainda, o aparecimento de um terceiro personagem em conflito ou de um árbitro, que anuncia a conclusão. Normalmente, há a apresentação de um determinado contexto em que se encontram as partes adversas, e uma ação com um resultado, enunciado, de modo geral, pelas palavras do vencedor, do vencido ou de um terceiro personagem. Às vezes, a própria ação da fábula – que pode ser substituída por um confronto verbal – e as palavras finais de um dos personagens são suficientes para chegar-se a uma conclusão, expressa sob a forma de conselho, crítica ou ensinamento.

No que concerne, ainda, aos personagens das narrativas fabulísticas, pode haver um personagem central, que faz um comentário acerca da situação em que se encontra, ou um personagem realizando uma ação, mas não entrando em confronto com o protagonista. Exemplo expressivo deste último tipo é a fábula esópica “A raposa e o ouriço” – reproduzida por Aristóteles, em *Arte Retórica* II, 20,3 –, em que aparece uma raposa que, tendo seu sangue sugado por inúmeros carrapatos, recusa o auxílio de um ouriço, alegando que novos carrapatos lhe sorveriam o sangue restante, caso ele lhe tirasse os já “engorgitados de sangue”.

Cumprido ressaltar que a conclusão também pode ser depreendida da chamada “moral da fábula” – expressa no início (*promythion*) ou no fim (*epimythion*) –, que parece ter sido acrescentada, em épocas posteriores, por copistas ao texto primitivo da fábula. Note-se que em Esopo a respectiva moral é enunciada no fim da narrativa fabulística, ao passo que em Fedro ela pode estar subentendida ou explicitada no início ou no fim do relato.

Assim, a fábula possui, em linhas gerais, três partes: a situação, o *agôn* ou confronto e a conclusão, podendo as duas últimas comportar um elemento verbal. Por exemplo, na fábula esópica “A raposa e as uvas”, têm-se a situação (a raposa vê cachos de uvas pendentes de uma certa parreira, tenta apanhá-los, mas não obtém êxito) e a conclusão (a raposa afasta-se dizendo para si mesma: “Estão verdes”), não havendo elementos verbais no *agôn*, na realidade subentendido, tendo em vista que a raposa luta consigo mesma para apoderar-se dos cachos de uva, sem contudo obter sucesso.

Já na fábula “O rouxinol e o falcão”, verifica-se a ocorrência de elementos verbais no *agôn*, o que evidencia a possibilidade de o relato fabulístico apresentar variantes. De uma determinada situação (um falcão, necessitando de alimento, observava um rouxinol pousado sobre um alto carvalho e, voando sobre ele, capturou-o), têm-se o *agôn*, em que o rouxinol, depois de dominado pelo falcão, suplica-lhe liberdade, alegando ser pequeno demais para saciar a fome de um falcão, e, por fim, a conclusão, quando o falcão argumenta que seria insensato se largasse uma pequena presa, que já tinha segura, para sair à procura de outra maior. Das palavras finais do poderoso falcão, conclui-se ser preferível contentar-se com o que se tem disponível a tentar algo que está no campo das possibilidades. Neste sentido, a fábula atua como uma advertência aos que, ávidos por obter sempre mais, deixam escapar o que têm nas mãos. Sendo assim, a narrativa demonstra ser a situação apresentada passível de ocorrer entre os homens.

Existem fábulas que apresentam intenções etiológicas. Nesta categoria são significativas as que mostram a punição infligida por certos deuses, mormente Zeus, aos que se rebelam contra a própria natureza (*phýsis*). A fábula esópica “O camelo e Zeus” é bastante ilustrativa a esse respeito, visto que se tem a explicação para o fato de as orelhas do camelo serem tão pequenas em relação ao seu volumoso corpo. Deste modo, explica-se esta desproporção como um castigo imposto por Zeus ao insensato e invejoso camelo, que, não se contentando com o tamanho de seu corpo e com sua força, desejava também obter chifres iguais aos do touro.

Acrescenta-se, ainda, uma outra particularidade dos relatos fabulísticos, a saber, a ocorrência de fórmulas estereotipadas, ora em prosa, ora em versos, registradas nas diversas coletâneas. Encontram-se, por exemplo, inícios de fábulas com expressões fixas que contêm o nome do protagonista seguido de

um adjetivo ou de um particípio (*anèr georgós*, um agricultor; *léon erastheís*, um leão apaixonado; *alópex akoúsasa*, uma raposa, tendo ouvido), também do advérbio *poté*, um dia, do pronome indefinido *tis* (*georgós tis*, um agricultor, *ánthropós tis*, um homem), ou ainda, os nomes das partes adversas ligados pela partícula *kaí* (*Prometheüs kaí Zeús*, Prometeu e Zeus; *Xelóne kaí lagoós*, *A tartaruga e a lebre*).

São frequentes também formas verbais típicas, que se repetem com a mesma formulação léxica e métrica, tais como “tendo visto” (*idòn taúron*, tendo visto um touro; *ho d’ idòn éphe*, mas ele, tendo(-o) visto, disse), “disse” (*éphe pròs beautén*, disse para si mesma, *éphe pròs autón*, disse-lhe), “discutiam” (*perì eugeneías érizon*, discutiam sobre a nobreza, *perì kállous érizon*, discutiam acerca da beleza”, *perì oxytetos érizon*, discutiam sobre a velocidade), entre outras.

Todas as particularidades mencionadas definem a fábula como um gênero tradicional.

## A FÁBULA NA GRÉCIA ANTIGA E EM ROMA

Embora a narração de situações da vida cotidiana e de comportamentos, sob a forma de fábulas, tenha sido cultivada nas mais diversas literaturas e, ainda, as informações de que hoje se dispõe apontem para o nascimento deste gênero na Mesopotâmia, foi na Grécia que ele floresceu e se aperfeiçoou de modo sistemático, servindo de paradigma aos subsequentes cultores da fábula.

Na Grécia, é na obra de Hesíodo, poeta beócio que viveu em fins do VIII e inícios do século VII a.C., que se encontra o primeiro exemplo de que se tem conhecimento da fábula de animais, conhecida pelo nome de “O rouxinol e o falcão”, e inserida em *Trabalhos e Dias* (vv. 202-212), poema classificado por West (1978, p. 3-ss) como poesia *sapiencial*, haja vista seu tom exortativo e didático.

Mas agora contarei uma fábula aos reis, ainda que sejam eles sábios: assim um gavião falou a um rouxinol de pescoço matizado, enquanto o levava bem no alto entre as nuvens, preso com as garras. Este, miseravelmente, traspasado pelas garras aduncas, chorava. Então, aquele, de modo prepotente, disse-lhe: “Insensato, por que gritas? Agora, um muito mais forte te segura. Irás para onde eu te conduzir, ainda que sejas cantor; uma refeição, se eu quiser, farei de ti, ou te soltarei. Insensato quem deseja medir-se com os mais fortes: priva-se da vitória e sofre penas, além da desonra”.

A despeito de ser a fábula grega mais antiga, “O rouxinol e o falcão” apresenta elementos formais que caracterizariam, posteriormente, a fábula de

Esopo, escritor de língua grega que, no século VI a.C., se notabilizou como o principal cultor do gênero: uma narrativa breve, cuja essência não reside na caracterização dos personagens e em suas aventuras, mas na conclusão que dela se pode extrair, isto é, na ideia moral, nos ensinamentos úteis, práticos e políticos, deduzidos de sua argumentação.

Todavia, a julgar pelos fragmentos remanescentes de obras literárias dos séculos VII e VI a.C., supõe-se que o emprego da fábula era pouco difundido nesta época, não constituindo, pois, um gênero literário definido. Era certamente empregada como um exemplo, para fazer uma exortação mais viva, para dar um conselho mais incisivo, como fez o próprio Hesíodo ao exortar os reis, comedores de presentes (*dorophágoi*), e seu irmão Perses – que o lesou na partilha de bens deixada pelo pai – a pautarem suas ações pela justiça.

A fábula podia também servir de expressão não somente à crítica mordaz e depreciativa, mas também à zombaria e à jocosidade. Assim parece ter sido usada por Arquíloco de Paros, poeta do século VII a.C., ao dirigir, em um fragmento seu remanescente (fr. 174 West), ataques e censuras a Licambes que se lhe recusara dar como mulher sua filha Neobule, quebrando, pois, um juramento: “Há uma fábula entre os homens: uma vez, a raposa e a águia uniram-se em sociedade”.

Além do fragmento 174 West, vislumbra-se, segundo Lasserre (1983, p. 63), na obra do poeta de Paros, narrações de, pelo menos, cinco fábulas, algumas das quais ligadas a temas políticos e recriados posteriormente pelos fabulistas Esopo e Bábrio (séc. II d.C.). A título de exemplificação, pode citar-se o fragmento 185 West – relativo à rivalidade entre facções adversas – que evoca a fábula de Bábrio “O macaco e a raposa”, na qual os animais discutem sobre a antiguidade de suas famílias, o que parece remeter às vanglórias do candidato ao poder, em Arquíloco: “Cerícides, eu, a triste mensagem, vou contar-vos uma fábula: um macaco, afastado dos animais, ia sozinho pelo campo. Então, uma raposa ardilosa, de fina sagacidade, encontrou-se com ele”.

As fábulas também estão presentes no contexto poético de Estesícoro de Hímera, quais sejam “A águia e a serpente” e “O cavalo e o veado”, esta última citada por Aristóteles, no capítulo dedicado aos exemplos (*Arte Retórica*, II, 20,3), como uma advertência feita pelo poeta coral a seus compatriotas a não darem guarda pessoal ao tirano Fálaris, eleito por eles em meados do século VI a.C. Acerca dessas fábulas, Lasserre (1983, p. 66) afirma, em concordância com Adrados, que elas não se adaptam à poesia de Estesícoro.

Convém assinalar que há reduzidas ocorrências de fábulas ou simplesmente alusões a fábulas em fragmentos de outros poetas do período arcaico, tais como Sólon, Teógnis de Mégara, Semônides de Amorgos e Íbico de Régio. Tais narrativas não constituíam, como bem observa A. Lesky (1995 [1971], p. 183), invenção dos poetas, mas uma recriação fundamentada em fábulas populares à disposição destes últimos.

Destarte, a fábula parece ter assumido, no contexto de alguns poetas do período arcaico, um caráter pessoal e, sobretudo, político. Foi certamente para resguardar os oprimidos contra as injustiças e a violência dos poderosos e, ainda, para dar a estes últimos um conselho de moderação que Hesíodo narrou a fábula “O rouxinol e o falcão”.

É provável que também Esopo, ao compor ou recriar suas fábulas, tencionasse alcançar um fim prático e imediato. Tal posicionamento afigura-se em “As rãs que pleiteavam um rei”, na qual o fabulista tenciona aconselhar os cidadãos atenienses a desistir da ideia de mudarem de governante, incitando-os a tolerar o pesado jugo do tirano Pisístrato, em vez de se arrisarem a suportar um governante pior.

Embora possa ter sido utilizada, a princípio, como uma forma de parênese, de admoestação ou de crítica social, a fábula sofreu transformações, convertendo-se em transmissora de moralidade, críticas, informação e diversão. Coube, então, ao fabulista Esopo a primazia de utilizá-la metodicamente, a ponto de, no século III a.C., tornar-se comum atribuir-lhe a autoria de muitas narrativas desse gênero, desde que não existisse indicação segura da origem das fábulas. Algumas delas são anteriores à época em que o lendário Esopo teria vivido, como a fábula “A águia e a raposa”, encontrada já em Arquíloco de Paros (fragmento 174 West), e outras, posteriores.

A razão de atribuírem-se muitas fábulas a Esopo também pode ser explicada pela falta de informações precisas acerca da existência do fabulista. No decorrer dos séculos V e IV a.C., encontram-se referências à pessoa do fabulista, bem como alusões a fábulas esópicas, algumas das quais inseridas em obras literárias de gêneros vários. À guisa de exemplo, podem-se citar os filósofos Platão e Aristóteles. O primeiro, no diálogo *Fédon* (60c-61b), informa, pela boca de Sócrates, que este transpusera em versos algumas fábulas de Esopo, enquanto esperava no cárcere a execução da sentença que o condenara à morte: “[...] trabalhei sobre as fábulas de Esopo, e pus em verso as primeiras que me vieram à memória e das quais podia recordar-me”.

Aristóteles, como já se mencionou, em *Arte Retórica* (II, 20,3) reproduz a fábula atribuída a Esopo “A raposa e o ouriço”, com o objetivo de ilustrar que, entre os exemplos (*parádeigma*), esse tipo de narrativa podia também servir de argumentação aos oradores, muito embora sustentasse que os argumentos procedentes dos próprios fatos fossem mais eficientes nas deliberações públicas. Assim, atuando como advertência, crítica ou ensinamento, endereçados por um eu a um ou a vários destinatários, a fábula é um exemplo que mostra um acontecimento passado como protótipo de algo que podia repetir-se em qualquer momento.

A partir do período helenístico, apesar de Roma ter herdado o legado da Grécia, foram ainda gregos os autores que se interessaram pelo gênero fabulístico. Por volta do ano 300 a.C., o historiador grego Demétrio de Faleros publicou a primeira compilação de fábulas – hoje perdida – limitando-se a reuni-las da literatura anterior e a dar-lhes uma forma literária em prosa. As fábulas assim reunidas careciam de *epimýthion* e de *promýthion*. Da compilação de Demétrio surgiram, direta ou indiretamente, todas as coleções de fábulas da tradição greco-latina.

Na passagem do século I para o século II d.C., celebrou-se na esfera da fábula o biógrafo Plutarco que criou alguns relatos fabulísticos e recriou outros já existentes. No século II d.C., o fabulista Bábrio versificou uma grande parte das fábulas esópicas.

Em Roma, esse gênero foi cultivado mormente por dois escritores: Caio Júlio Fedro e Aviano. No que diz respeito a Fedro (século I d.C.), atribuem-se-lhe cento e trinta e cinco fábulas, das quais quarenta e sete versam sobre temas já desenvolvidos por Esopo. Em suas composições fabulísticas, Fedro procurou dar-lhes um pouco mais de sublimidade estilística, transpondo em versos essas narrativas. Todavia, não recorreu a um metro grandiloquente, como o hexâmetro dactílico. Usou um metro mais popular, o mesmo empregado em Plauto, comediógrafo habilidoso no manuseio do *sermo vulgaris*. Esta opção do fabulista latino é muito sintomática, visto que demonstra não querer emoldurar suas narrativas num metro que sugerisse a presença de um registro pomposo.

O cenário iâmbico foi o metro escolhido por Fedro. Trata-se de uma sequência de seis iambos (U-U-//U-U-//U-U-), que evoca o antigo trímetro iâmbico, usado por vários poetas gregos, entre os quais Arquíloco de Paros. Em Fedro, os iambos podiam ser substituídos por tríbracos (UUU),

espondeus (- -), anapestos (UU-), dáctilos (-UU) e proceleusmáticos (UUUU). Em outras palavras, havia uma grande licença rítmica que aproximava a fábula da língua coloquial, o que demonstra que Fedro procurou transformar a fábula num gênero mais bem delineado, sem transformá-la, contudo, em uma preciosidade estilística.

## AS FÁBULAS DE ESOPPO (1) E DE FEDRO (2)

### A raposa diante de um espantalho (1)

Uma raposa, tendo entrado na casa de um ator e revirando cada uma de suas vestimentas, encontrou também uma cabeça de espantalho, artisticamente trabalhada; tendo-a segurado com suas patas, disse: “Oh! Que cabeça! No entanto, não tem cérebro.”

Esta fábula aplica-se a homens arrogantes não só quanto ao corpo, mas também insensatos em relação à alma.

### A raposa à máscara trágica (2)<sup>1</sup>

Uma raposa vira tragicamente

uma máscara trágica:

“Oh, quanta beleza”,

diz,

“não tem cérebro!”

Isso foi dito para aqueles

a quem a fortuna deu

honra e glória,

(porém) tirou (-lhes)

o senso comum.

Cotejando-se as versões de Esopo e de Fedro, observa-se que na primeira há um maior número de referências que precisam o ambiente onde se desenvolve a ação, tais como o lugar em que a raposa encontra a cabeça do espantalho e, ainda, a indicação de que esta pertencia a um ator.

Em ambas as versões há coincidência no sentido geral do discurso, visto que nelas há uma crítica à supervalorização do ornamento exterior em detrimento do adorno da alma. De fato, em Esopo, delinea-se a moralização da fábula, como indicam os adjetivos *megaloprepéis* (jactanciosos, arrogantes) e *alogístous* (insensatos, desprovidos de raciocínio).

Ao que parece, Fedro, ao adaptar a fábula de Esopo para a língua latina, reorientou o sentido da expressão *kēphalēn mormolykeíou*, cabeça de espantalho,

<sup>1</sup> Tradução das fábulas de Fedro por Maximiano Augusto Gonçalves.

para *personam tragicam*, máscara trágica. Na verdade, na versão esópica, nada indica ter a expressão o sentido de máscara trágica. Acresce ainda o fato de não se ter generalizado o uso de máscaras trágicas na época em que se supõe ter vivido Esopo (620-560 a.C.).

Por outro lado, há argumentos que podem corroborar a ideia de que a expressão esópica diz respeito a uma simples máscara, visto que foi encontrada pela raposa entre os apetrechos do ator.

#### **O homem de cabelos grisalhos e suas amantes (1)**

Um homem grisalho tinha duas amantes, uma das quais era jovem, e a outra, velha. Ora, a mais idosa, envergonhada de manter relações amorosas com um homem mais novo do que ela, passava o tempo, sempre que ele vinha ter com ela, a arrancar-lhe os cabelos escuros. Por sua vez, a mais jovem, receando ter um velho por amante, arrancava-lhe os cabelos brancos. Aconteceu-lhe, então, que, pelado por ambas, se tornou calvo.

É assim que, em toda parte, o desequilíbrio é prejudicial.

#### **A velha e a moça amando o mesmo homem (2)**

Aprendemos, na verdade,  
com os exemplos,  
que os homens são espoliados  
pelas mulheres,  
de qualquer modo:  
amem ou sejam amados.  
Certa mulher, não rude,  
ocultando a idade  
pelo trato,  
possuía  
(o coração de) certo homem  
de meia idade,  
e uma jovem formosa  
conquistara o amor  
do mesmo homem.  
Enquanto ambas querem parecer  
iguais (na idade) a ele,  
começaram a arrancar os cabelos  
ao homem,  
alternadamente.  
Como ele se julgasse  
estar sendo composto  
pelo cuidado das mulheres,  
tornou-se, de repente, calvo;  
pois que a moça

arrancara os brancos,  
(e) a velha  
(arrancara-lhe) os pretos.

O principal sentido que se pode depreender da leitura da fábula de Esopo é a inconveniência de um homem grisalho coabitar, simultaneamente, com a mulher muito velha e outra mais nova, o que gera uma série de prejuízos.

Já em Fedro o sentido da fábula consiste na advertência de que as mulheres, de uma maneira ou de outra, espoliam os homens, sejam eles agentes, sejam pacientes do amor. Na verdade, o fabulista colocou num plano mais destacado, como exortação, algo que, mesmo parecendo periférico em Esopo, talvez fosse relevante em sua época e na sociedade romana. Assinale-se que “*A feminis utcumque spoliari viros*” inicia a fábula e revela certamente a verdadeira intenção de Fedro: prevenir os homens das carícias venais, cujos resultados são o ridículo e a vergonha.

Por outro lado, parece estar subjacente no texto esópico uma crítica às mulheres, em particular às *betairai* (cortesãs), que, servindo-se de seus atrativos, seduziam os homens, extorquindo-lhes dinheiro, a ponto de deixá-los sem recursos. A esse respeito é expressivo o emprego do adjetivo *phálakron* (calvo, careca, pelado), que parece aludir ao estado em que ficavam os clientes das *betairas*.

À guisa de conclusão, pode-se dizer que são de grande valia os componentes parenéticos e pedagógicos das fábulas, relevantes na construção do senso crítico que conspira contra as falsas exterioridades do mundo das aparências. Por meio desses relatos, são também apresentados vislumbres da realidade que se contrapõem à estereotipada literatura de glorificação dos poderosos. Mesmo não sendo folhetinesca e não estando incluída entre os grandes gêneros, a fábula desempenhou um papel importante na transmissão das culturas antigas grega e romana.

## THE FABULIST NARRATIVE IN ANCIENT GREECE AND ROME

### ABSTRACT

*The aim of this study is to present essential features of the fable according to considerations by Francisco Rodriguez Adrados which, apart from defining the fable as an example inserted in a wider narrative, talks about the differences of shape and content according to the many*

*kinds of fabulist narratives and also about the relevant role the fable played in popular and critic literature. Comments are made about the fable's origin and evolution in Ancient Greece and its repercussion in Rome. As an example, a brief comparative analysis was made of two fables: one by Aesop and one by Phaedrus, both of which with the same diegesis, stressing the similarities and the differences in the treatment of specific fabulist themes.*

**KEY-WORDS:** *Aesop. Fable. Phaedrus.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRADOS, Francisco Rodriguez. La fabula griega como género literário. In: **Nuevos estudios de lingüística general y de teoría literária.** Barcelona: Editorial Ariel, 1988. p. 298-308.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

ESOPE. **Fables.** Texte établi et traduit par E. Chambry. 5e tirage. Paris: Les Belles Lettres, 2002 [1927].

GONÇALVES, M. A. **Tradução das fábulas de Fedro.** 5 ed. Rio de Janeiro: Livraria M. Antunes Ltda., Editora, 1957.

HESIOD. **Works & Days.** Edited with *prolegomena* and commentary by M. L. West. Oxford: Clarendon Press, 1982.

LASSERRE, F. La fable en Grèce dans la poésie archaïque. **Entretiens sur l'antiquité classique.** Tome XXX. Genève: Fondation Hardt, 1983. p. 61-103.

LESKY, A. **História da literatura grega.** 3.ed. Trad. de M. Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995 [1971].

PLATÃO. **Eutífron; Apologia de Sócrates; Críton; Fédon.** Trad. de M. Pugliese e E. Bini. São Paulo: Hemus, 1981.

PHÈDRE. **Fables.** Texte établi et traduit par Alice Brenot. 3. tir. Paris: Les Belles Lettres, 1969.

WEST, M. L. The ascription of fables to Aesop. In: **Entretiens sur l'antiquité classique,** tome XXX. Genève: Fondation Hardt, 1983. p. 105-136.

\_\_\_\_\_. **Studies in Greek elegy and iambus.** Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1974.